



## **O RJTV e a (re)urbanização do Rio: uma cartografia da violência no discurso telejornalístico de pacificação<sup>1</sup>**

Kleber MENDONÇA<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

**Resumo:** O objetivo deste artigo é aprofundar a investigação acerca do papel simbólico da instância informativa no processo de (re)urbanização da cidade do Rio de Janeiro. A partir da análise de algumas reportagens veiculadas pelos telejornais da Rede Globo, pretende-se verificar aqui a hipótese de que, em relação às 'comunidades pacificadas', a violência é usada como operador discursivo que legitima as intervenções do Poder Público nestes espaços e que pretende oferecer evidências simbólicas que garantam o consenso em torno do modo como tais ações são colocadas em prática. Nesse sentido, buscamos, aqui, apresentar os modos de funcionamento dessa estratégia discursiva, bem como suas relações com a transformação do espaço urbano nos dias de hoje, aprofundando, em suas materialidades específicas, os três aspectos inerentes a esta questão: a violência, o discurso e a cidade.

**Palavras-chave:** Telejornalismo; RJ TV; Violência; Discurso; Cidade.

### **1. Apresentação**

Três reportagens, veiculadas pelo *RJTV* e pelo *Jornal da Globo*, ilustram bem as questões que serão aprofundadas neste trabalho. Na primeira, acompanhamos o *Parceiro do RJ*<sup>3</sup>, Thiago Ventura, fazer parte da *Corrida da Paz*, no Complexo do Alemão, realizada em 15/05/2011, como atividade comemorativa da "pacificação" da região. O jovem - emocionado enquanto corre pela mesma estrada que ficou famosa como rota de fuga de traficantes durante a ocupação policial no final de 2010 - narra o que sente:

Eu moro aqui há quase trinta anos. Nunca tive coragem de vir aqui nesse lugar que tá acontecendo essa corrida hoje. Era muito perigoso... muito bandido... Mesmo essa região tendo 60 anos, pouquíssimos de nós, moradores, tínhamos coragem de passar aqui... porque a situação era dramática (RJ/TV, 16/05/2011)<sup>4</sup>.

Cada telespectador se torna, ao seguir os passos emocionados do morador, testemunha de um processo de reconfiguração não só territorial daquela comunidade:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF e Coordenador do Núcleo de Estudos em Violência e Comunicação (NevCom) da UFF, email: klebersm@hotmail.com

<sup>3</sup> Trata-se de um novo quadro do RJTV, no qual uma dupla de jovens moradores de algumas comunidades do Rio de Janeiro produz, de acordo com a emissora, "conteúdos informativos a partir de um olhar "interno" da própria comunidade.

<sup>4</sup> Todos os exemplos deste programa, aqui analisados, foram gravados pelo Núcleo de Estudos em Violência e Comunicação (NevCom/UFF), no âmbito da pesquisa financiada pela FAPERJ que pretende disponibilizar gratuitamente, à comunidade científica, o acervo digital da íntegra das transmissões diárias do programa.



podemos acompanhar, literalmente, o reordenamento - concreto e simbólico - das mobilidades e de apropriação dos espaços. E tais deslocamentos só são possíveis em razão da complexa mediação simbólica exercida pela instância jornalística que reporta e transmite aquele acontecimento.

O segundo exemplo emblemático do processo de transformação urbana por que passa o Rio de Janeiro nos dias de hoje pode ser visto na entrevista concedida ao *Jornal da Globo*, veiculada na mesma semana da reportagem acima. Dessa vez, uma moradora do Morro Dona Marta, na Zona Sul, comemora a valorização no preço de seu imóvel.

[*Edney Silvestre, voz em off*]: A costureira Antônia da Silva está vendendo a casa onde mora, na parte mais alta e menos valorizada da favela Santa Marta. Com o dinheiro, vai voltar ao Ceará. Quanto a senhora tá pedindo pela casa hoje?

[*Antônia da Silva*]: Cinquenta mil.

[*Edney*]: Quanto as pessoas estão querendo pagar?

[*Antônia da Silva*]: Eu já encontrei vários preços: 25, 30, 40... eu tô esperando pra ver se eu acho alguém que dê 50. (*Jornal da Globo*, 19/05/2011)<sup>5</sup>

Vemos, neste segundo caso, como a especulação imobiliária que assola o Rio de Janeiro, impulsionada pelas 'pacificações', chegou também às comunidades e parece já insinuar possibilidades de deslocamentos um pouco distintos do que aqueles presenciados pelos telespectadores da corrida no Complexo do Alemão. Aqui, a feliz moradora espera apenas a chegada do comprador que possibilite sua volta para o Ceará. Testemunhamos, talvez, o início de um novo fluxo demográfico entre as regiões do Brasil e da cidade? Falta ainda, para responder a questão, determinar de que bairro (ou de que lugar do mundo?) virá este tão esperado comprador.

O terceiro exemplo permite que percebamos os aspectos discursivos que tanto impulsionam o desejo de pacificação de algumas comunidades, como justificam o aumento de preços dos imóveis por toda a cidade. Após apresentar algumas matérias que relatavam os desdobramentos da ocupação do Morro da Mangueira, realizada pela polícia na véspera, a edição de 20/06/11 do *RJTV* apresenta uma conversa gravada no alto da comunidade, entre o repórter Helter Duarte, o comentarista de segurança pública do programa, Rodrigo Pimentel, e um oficial do Bope:

[*Helter Duarte*]: O major Nunes tem em suas mãos um equipamento que vai nos ajudar a entender um pouco melhor a importância dessa pacificação aqui da Mangueira.(...) Que equipamento é esse? O que ele faz?

---

<sup>5</sup> <http://g1.globo.com/videos/jornal-da-globo/v/aumenta-o-valor-dos-imoveis-em-favelas-do-rio-de-janeiro-e-sao-paulo/1513936/>

[Major Nunes]: Esse equipamento basicamente mede a distância de um ponto ao outro. Para dar um exemplo, vou medir a distância daqui do local em que nós estamos até o maracanã.

[Enquanto vemos o Major apontar o equipamento para o Maracanã, visivelmente próximo, o repórter segue sua narrativa]

[Hélter Duarte]: (...) Estamos no alto da favela que até antes da pacificação era dominada por traficantes, por bandidos. Estamos de frente pro Maracanã que vai ser a sede da Copa de 2014 e também da Olimpíada de 2016 (RJ/TV, 20/06/2011).

A entrevista será analisada mais detalhadamente abaixo. Por ora, basta evidenciar de que forma a instância jornalística acaba cumprindo uma função complementar à ocupação policial: a de produzir evidências simbólicas da importância das ações adotadas pelo governo do Estado. A iminência dos eventos esportivos mundiais e a proximidade entre as *áreas de risco* e os *locais* dos jogos são argumentos discursivos reiterados constantemente pelo jornalismo local nos dias de hoje. E será justamente este tipo de argumento que contribuirá para colocar em funcionamento os fluxos de pessoas, de propriedades e de bens simbólicos antevistos nos dois primeiros exemplos.

Diante deste cenário, o objetivo deste artigo é aprofundar a investigação acerca do papel simbólico da instância informativa no processo de (re)urbanização da cidade do Rio de Janeiro. A partir do recorte analítico centrado em conteúdos de telejornais veiculados pela *Rede Globo*, pretende-se verificar aqui a hipótese de que, em relação às 'comunidades pacificadas', a violência é usada, nas reportagens, como operador discursivo que legitima as intervenções do Poder Público nestes espaços e que pretende oferecer evidências simbólicas que garantam o consenso em torno do modo como tais ações são colocadas em prática.

Nesse sentido, buscamos, aqui, apresentar os modos de funcionamento dessa estratégia discursiva, bem como suas relações com a transformação do espaço urbano no Rio de Janeiro dos dias de hoje. Para isso, no entanto, será preciso, enquanto analisamos as reportagens, aprofundar, em suas materialidades específicas, as relações entre os três aspectos inerentes a esta questão: a violência, o discurso e a cidade.

## **2. A violência como operador discursivo**

Ao debatermos a articulação entre a questão da violência, o telejornalismo e os discursos sobre a cidade nos dias de hoje, é importante levar em conta a natureza polissêmica do fenômeno da *violência*. Sua tipificação faz emergir, como uma



convocação inevitável, uma outra ação, desta vez contra-violência, baseada nas relações sociais em constante disputa. Assim,

o primeiro cuidado que tomamos é reconhecer que ao dizermos de algo que ele é violento nós não estamos apenas descrevendo um evento, mas intervindo nele. Dizer que alguém é violento é agir sobre essa pessoa, é demandar algo como uma outra violência para interromper a violência dessa pessoa. (MISSE, 2008, p.9)

Optamos, portanto, por trabalhar as *violências* como categorias nativas, baseadas em representações, de modo a poderem se transformar em argumentos discursivos em função dos embates entre relações de poder que fundamentam nossa sociedade. Nesse sentido, Michaud já alertava para a impossibilidade de consenso em torno de um fenômeno tão polissêmico quanto as violências em sociedade.

É preciso estar pronto para admitir que não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito. Às grandes questões filosóficas e às grandes respostas se substituíram e se substituem, cada vez mais, as ações através das quais as sociedades se administram (Michaud, 1989, p. 14).

Tomar esta perspectiva é pensar a questão a partir de um deslocamento analítico que permita não cairmos na armadilha de considerar o fenômeno da violência como um *sujeito*, capaz de praticar *ações*, ou como uma *aberração*, que faria romper a normalidade *pacífica* da vida social. Pensamos, pelo contrário, que as violências, como modo complexo de relação social, possuem sentidos histórica e culturalmente produzidos, determináveis, portanto, por nossas análises. Com isso, é possível entender os efeitos discursivos, os usos políticos, morais e culturais das falas sobre as violências nos meios de comunicação e na sociedade.

Tal deslocamento servirá como antídoto para que a presente análise possa contribuir para o debate em torno da questão sem reproduzir a visão conservadora, muitas vezes hegemônica nos conteúdos informativos, de que sendo 'o problema da violência' uma mera ruptura da 'ordem', sua solução residiria apenas no aumento da força de repressão policial.

A preocupação em não aceitarmos tais respostas reacionárias não deve, contudo, fazer a análise se acomodar em uma visão, também em alguns momentos bastante simplista, de que as questões ligadas à violência se reduziram ao silogismo de que uma ordem econômica excludente produziria, como resposta inevitável dos miseráveis, a anomia e o crime.

Uma forma de complexificar as reflexões em torno do fenômeno é explicitar as perspectivas constituidoras de cada um destes modelos antagonistas. Sodré ilustra tal oposição apontando a primeira como fortemente calcada na evidência de uma 'violência anômica' que se inscreveria no social como 'ato' e que é "entendida como a ruptura, pela força desordenada e explosiva, da ordem jurídico-social, e que dá lugar à delinquência, à marginalidade ou aos muitos ilegalismos coibíveis pelo poder do Estado" (Sodré, 1992, p.11). A segunda perspectiva, por sua vez, daria conta de uma estrutura violenta frequentemente ignorada, mas cujas origens poderiam ser diagnosticadas no gesto violento da constituição mesma do Estado.

Temos aí a *violência invisível*, *violência institucional* ou *estado de violência*; isto é uma condição contínua, estrutural e irredutível. Este fenômeno (...) deriva de um efeito de inércia sobre os indivíduos, imposto por uma ordem cosmopolita, que é a do Estado com seus aparelhos e articulações sociais. (Sodré, 1992, p.11)

Defendemos aqui que, no caso brasileiro, o problema se agrava na medida em que os veículos informativos formulam uma equação discursiva que produz uma síntese perversa entre as duas visões. Nesse sentido, Chauí (1999) aponta alguns dispositivos de ocultação do que chama de 'violência real' que acabariam ampliando a legitimação do uso da 'violência de estado' como resposta de uma 'violência anômica' anterior. Entre os vários dispositivos pelos quais a 'violência real' seria ocultada, dois deles podem nos ajudar a pensar a relação entre jornalismo e violência:

"Um dispositivo sociológico, que considera a violência (...) como um momento no qual grupos sociais 'atrasados' ou 'arcaicos' entram em contato com grupos sociais 'modernos', e, 'desadaptados', tornam-se violentos; (...) [e] Um dispositivo de exclusão, isto é, a distinção entre um 'nós brasileiros não-violentos' e um 'eles violentos', 'eles' sendo todos aqueles que, 'atrasados' e deserdados, empregam a força contra a propriedade e a vida de 'nós brasileiros não-violentos'" (Chauí, 1999, p.3).

Este mito de uma oposição entre 'legítimos brasileiros', vítimas de um mal exterior resultado da prática de sujeitos-outros, 'por essência' violentos, será justamente o terreno a partir do qual serão construídos os conteúdos informativos que ampliarão sua ênfase nos 'atos de violência', possibilitando a emergência dos argumentos que legitimem e autorizem a 'violência de estado' nos processos de (re)urbanização da cidade.

### 3. O silêncio das oposições maniqueístas

Ao redirecionarmos o olhar para as reportagens do *RJTV* durante a 'pacificação' da Mangueira, podemos acompanhar de que forma as oposições maniqueístas *vítimas/culpados*, *nós/eles* e *cidadãos de bem/criminosos* modelam não apenas os conteúdos das matérias, mas também a forma como as ações policiais vão ser interpretadas e legitimadas pela emissora. Na escalada da edição de 20/06/11, o âncora Vandrey Pereira resume:

*[Imagem no apresentador]:* "Olá boa tarde. Aqui no RJ os detalhes do domingo histórico pros moradores da Mangueira, quando as tropas policiais abriram os caminhos e libertaram a favela do domínio do tráfico".

*[No momento em que a palavra histórico é pronunciada, acompanhamos o corte para as imagens da ocupação realizada pela força policial. São mostradas algumas cenas com vários policiais armados caminhando, intercaladas com a passagem de um tanque do exército pelas ruas da comunidade, enquanto as chamadas prosseguem]*

*[Voz em off de Vandrey]:* "Hoje o berço do samba amanheceu diferente, sem os traficantes que se espalhavam por becos e ladeiras. E os serviços de iluminação e limpeza urbana começam a mudar a vida da comunidade."

Percebe-se a oposição entre os 'moradores legítimos' do 'berço do samba' daqueles 'traficantes' que 'se espalhavam' por 'becos e ladeiras'. Além disso, há uma ardilosidade em estabelecer que a 'libertação' seria histórica para os moradores da Mangueira. Algumas pistas de que a pacificação talvez não seja uma notícia tão boa para todos da comunidade começam a surgir ainda na mesma edição do *RJTV*. Pouco antes da reportagem a que nos referimos no início deste artigo, acompanhamos uma entrada ao vivo da repórter Mariana Gross que, em um dos acessos da favela, evidencia como, de fato, a 'chegada' dos serviços de luz e limpeza começaria a mudar a vida dos habitantes.

*[Apresentador do estúdio, conversa com Mariana]:* Vamos voltar a falar da grande ocupação da Mangueira que aconteceu ontem. Hoje, um dia muito especial para os moradores. Um dia que está até complicado de circular aí pela comunidade, né, Mariana Gross?

*[A repórter responde, do link ao vivo]:* É Vandrey, são 190 homens trabalhando numa verdadeira força tarefa aqui primeiro nos acessos à comunidade da Mangueira. A gente está aqui bem pertinho de onde foram demolidas vinte casas; [onde] funcionavam aqui bares, também estacionamentos e até uma cracolândia. A gente vê o trabalho dos garis retirando todo este entulho debaixo do viaduto conhecido como Viaduto da Mangueira. (RJTV, 20/06/2011)

Segundo a Prefeitura, que realizava ao vivo seu *Choque de Ordem* na comunidade, foram demolidas vinte construções irregulares do entorno da quadra da



Escola de Samba da Mangueira. Alguns quiosques forma mantidos, segundo a prefeitura, pois "dependiam de uma negociação com a comunidade para sua remoção". A alegação das autoridades, referendada pela repórter, é a de que os barracos seriam "obstáculos construídos pelo tráfico" que estavam impedindo a "entrada dos serviços públicos na comunidade".

Já no dia seguinte à comemorada pacificação, no entanto, o que em alguns momentos aparece nas brechas das reportagens festivas é uma tímida, mas crescente, inquietação dos moradores da Mangueira em relação às ações da prefeitura. Na edição do *Bom Dia Rio*, informativo matinal da Rede Globo, de 21/06/11, vemos a polêmica em relação às demolições dos quiosques:

*[A voz em off do repórter é coberta pelas imagens da demolição de outros quiosques]:* De manhã, construções irregulares que funcionavam como comércio, foram destruídas. O que gerou protestos:

*[Corta para a sonora de uma moradora não identificada]:* É o nosso ganha pão ali. Como é que a gente vai viver agora?

*[Volta ao off da matéria. Outras imagens de demolição]:* À tarde a defensoria pública conseguiu uma liminar na justiça determinando a suspensão das demolições enquanto não for definido quanto o morador receberá de indenização.<sup>6</sup>

Ou seja, podemos perceber pela indignação da moradora e pela decisão da justiça que, mesmo questionando a presença daqueles quiosques na entrada da favela, seria uma leviandade definir, de modo apressado, todos eles como simples "obstáculos construídos pelos traficantes". O mais intrigante é que a sonora da moradora não identificada aparece no jornal do início do dia, mas inexistente na primeira edição do *RJTV*, que traz apenas a informação da chegada de água e luz à comunidade.

Na sonora ao vivo da repórter Mariana Gross com o diretor de distribuição de água da Cedae, Armando Júnior, somos informados, no entanto, que a Mangueira já era servida de água encanada. A "chegada dos serviços", neste caso, se refere ao combate das ligações clandestinas (os famosos *gatos*) e ao enquadramento de "cada morador para receber suas contas de água na tarifa social"<sup>7</sup>, nas palavras do diretor.

Pode-se perceber, com o exemplo, de que forma à reboque da comemorada pacificação da comunidade alguns moradores são, gradativamente, apresentados aos outros fatores que fazem parte da transformação de suas vidas pela presença do

---

<sup>6</sup><http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1542081-7823-MORADORES+DA+MANGUEIRA+QUEREM+MAIS+PRESENCA+DE+SERVICOS+PUBLICOS,00.html>

<sup>7</sup> RJTV 1a Edição de 21/06/2011.

Estado. Tal ambigüidade, inclusive, justifica a necessidade de um papel apaziguador do discurso jornalístico da emissora ao enfatizar os aspectos positivos, minimizando os negativos no gesto de utilizar o argumento do combate à violência como legitimador de todas as outras ações.

#### 4. Da 'ameaça próxima às 'medidas' da cidade

**"O que não é direito ninguém recusar  
E que me faz mendigo, me faz implorar  
o que não tem medida nem nunca terá  
o que não tem remédio nem nunca terá  
o que não tem receita"  
(Chico Buarque)**

De volta à edição de 20/06/11, a conversa entre os repórteres do *RJTV* e o major do Bope nos oferece ainda outras evidências deste funcionamento discursivo. A cabeça da matéria, lida pelo âncora, explica aos telespectadores que as medições feitas pelo policial, da distância entre o alto do morro da Mangueira e o Maracanã dão conta da "importância estratégica" daquela pacificação. Voltemos à transcrição da reportagem, logo após o ponto em que o repórter Hélder Duarte narra que o Maracanã será a sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

*[Major Nunes termina a medição. Vemos o Maracanã ao fundo]:* "O equipamento acabou de me confirmar a distância de 580 metros desse ponto até o anel superior do Maracanã.

*[Hélder Duarte pergunta ao comentarista da Globo. Os três aparecem na imagem em que vemos o Maracanã bem próximo ao fundo]:* "Qual a importância disso, Rodrigo? Qual a importância desse lugar? Estamos muito perto do Maracanã, né?"

*[Rodrigo Pimentel responde]:* "Exatamente. Os fuzis utilizados pelos traficantes aqui na Favela da Mangueira (...) são os fuzis 762. Major Nunes, um fuzil 762 atinge o anel do Maracanã com letalidade ainda?"

*[Major Nunes]:* "Sem dúvida nenhuma. Com esta distância de 580 metros um fuzil calibre 762, utilizado muito pelos traficantes, ele consegue sim atingir com letalidade o Maracanã".

*[Hélder Duarte retoma a palavra]:* Quer dizer, nessa área, Rodrigo, onde o poder público não chegava, os bandidos tinham um camarote privilegiado para o Maracanã. É isso?

*[Rodrigo Pimentel conclui]:* Exatamente. Para a Olimpíada e para a Copa do Mundo.

A inusitada conversa é rica em apontamentos acerca dos deslocamentos simbólicos e espaciais vivenciados no Rio de Janeiro de hoje. De um lado, testemunhamos a ênfase na importância dos futuros eventos mundiais e a evidência dos riscos que a proximidade entre esta espécie de *sítio de importância global* e os territórios outrora dominados pelas 'classes perigosas' representava.



A prova cabal do significado dessa ameaça da proximidade, avaliada pelos dois especialistas, é materializada pela imagem da presença dos repórteres e da polícia naquele 'novo lugar', já que ressignificado. Esta constatação é, também, referendada pelo uso de dois instrumentos precisos de medição/mediação: o *aparelho militar* que indica a distância entre os pontos e o *instrumento midiático* que se auto-proclama o aparato a partir do qual a topografia da cidade será processada simbolicamente com vistas aos re-ordenamentos do espaço urbano.

Alessandro Baratta (1994) já defendia de que forma a sensação de medo do crime está mais associada às *imagens* do que à *realidade material* da irrupção do fato criminoso. Com isso, o criminologista italiano apontava para o protagonismo dos aspectos simbólicos na questão das violências. Como o medo pode ser uma forma de interpretar o mundo, as 'soluções' para o problema acabam parecendo residir menos nos critérios 'científicos' desta solução do que em efeitos 'midiáticos' (e imagéticos) que evidenciem tais superações.

Há um pouco deste elemento tanto no exemplo aqui analisado, como na metodologia das ações militares no Rio de Janeiro de hoje. É constante a preocupação na produção de imagens que materializem, de modo emblemático, a pacificação dos territórios. Não por acaso, atualizam-se nas peças publicitárias do governo do Estado as imagens 'jornalísticas' retiradas da cobertura 'independente' dos veículos de comunicação.

Neste caso específico, testemunhamos, no bate-papo dos três personagens, a junção de instrumentos capazes de atestar, topográfica e discursivamente, o deslocamento simbólico da favela como 'lugar' das classes perigosas (Coimbra, 2001), para o status de 'espaço pacificado' no qual os trajetos dos turistas e dos consumidores dos eventos futuros estará garantido pela ocupação do Estado.

Há mais, no entanto, naquela reportagem: a completa ausência de moradores da comunidade no bate-papo. Tal silêncio só não é total pois é possível escutarmos (se o fizermos com bastante atenção) o som, vindo do extra-quadro, de risadas e de conversas abafadas entre algumas mulheres que provavelmente acompanhavam a gravação da reportagem. Este som ambiente é ignorado a não ser por um quase-imperceptível gesto de preocupação do repórter que olha em direção à câmera durante um breve instante da conversa.

Para nossa análise, no entanto, tal ausência é plena de sentidos. De modo semelhante à reclamação da trabalhadora do quiosque demolido e de várias outras fontes anônimas das sonoridades realizadas no Morro da Mangueira naquela e em outras edições do telejornal, a figura do morador permanece, quase sempre, relegada a uma representação anônima naqueles acontecimentos.

O aparente paradoxo da ausência de reconhecimento e identificação, nas reportagens, dos mesmos 'moradores' que figuram, nas chamadas, como principais beneficiados do acontecimento relatado serve de ilustração para ainda outro aspecto profundo da (re)construção do espaço urbano da cidade: o incentivo aos deslocamentos. Neste caso, das subjetividades e dos corpos.

Se retornarmos às categorias propostas por Chauí, poderíamos dizer que o silenciamento desses moradores da Mangueira como *sujeitos* no *RJTV* se materializaria numa pergunta hipotética: Quais "deles" se transformarão em "um de nós"? A resposta a este dilema reside em uma pergunta-ameaça: que trajetórias a partir de agora cada um dos moradores irá traçar em suas apropriações do espaço urbano?

Pelas nossas análises até aqui, as 'opções' propostas aos moradores se dividem em dois acatamentos: o de se tornar um '*parceiro*', como o corredor Thiago do Complexo do Alemão, ou desistir deste 'sonho feliz de cidade', reinvertendo o fluxo de nosso êxodo histórico, como a proprietária do Dona Marta à espera de um comprador que garanta sua volta ao Ceará.

Vivemos um momento em que, pela primeira vez em muito tempo, as favelas são consideradas - nas ações do Estado e nos discursos jornalísticos - 'espaços legítimos' da cidade. O direito de seus habitantes de usufruir de tal reconhecimento, estabelecendo dignamente sua vida em tais localidades, estará, no entanto, condicionado ao julgamento midiático (e moral) de suas trajetórias pela cidade. Deslocamentos, estes, que serão, cada vez mais, impulsionados pelas ações estatais e pela visibilidade midiática.

## **5. Deslocando-se pela cidade: quando a pacificação vira mobilidade forçada**

"Everybody knows that our cities  
were built to be destroyed"  
(Caetano Veloso)

A frase emblemática de Caetano Veloso ilustra um aspecto importante a ser debatido neste tópico: o real das cidades é o que escapa no jogo dialético de *ordenamento/desordem criativa*. Diante da força criadora de vida, dos sujeitos

produzindo espacialidades, se impõe, na maioria das vezes de modo violento, o poder coercitivo e ordenador do Estado em suas propostas de urbanização. Nesse sentido, Orlandi, ao aproximar os estudos da cidade dos pressupostos da Análise do Discurso, defende que

A cidade é a organização, é inunção a trajetos, a vias, a repartições, a programas, a traçados e tratados. Do ponto de vista simbólico, entretanto, organização e desorganização se acompanham. Assim, pensando os sentidos da/na cidade, (...), podemos ver como as relações sociais (urbanas) se significam na reprodução e na ruptura. (Orlandi, 2004, p.63)

Para a autora, o que está em jogo, portanto, é o embate entre as tentativas dos sujeitos se constituírem em uma plenitude que, muitas vezes, transcende as limitações impostas pelo discurso da *ordem pública*. Cabe, nesse sentido, recorrer às percepções de Foucault (2008) em relação ao trabalho 'territorializante' do Estado contemporâneo. Para ele há, por parte dos mecanismos de poder, a necessidade de estabelecer um *espaço público* no qual controle e vigilância possam ser usados de modo a administrar os riscos, no mesmo gesto em que não atralhem a circulação de pessoas, capital e mercadorias pelas vias da cidade.

Podemos traçar uma analogia entre esse trabalho de 'direcionamento de trajetórias' (produzido na materialidade concreta das cidades pelos dispositivos de segurança do Estado) e os 'direcionamentos de sentidos' (propostos pelos efeitos de verdade dos conteúdos jornalísticos). Tal paralelo nos conduziria de volta à Orlandi:

Esse aprisionamento da materialidade significativa da cidade pelo discurso (do) urbano que a imobiliza no enquadramento que a afasta de outros (novos) sentidos, destitui também o social de sua significância mais própria, reduzindo as possibilidades de sua historicização. (...) Os sentidos são domesticados por um gesto de interpretação urban(izad)o. Evitam-se os conflitos, silencia-se o que demanda sentido e evitam-se os deslocamentos reais. (Orlandi, 2004, p. 66)

A preocupação da autora pode nos ajudar a entender melhor os gestos de silenciamento e de acatamento materializados para além do que parece ser apenas uma simples comemoração, como a *Corrida da Paz*, que abre o presente artigo. Trata-se, na verdade de uma proposta de tomada de posse, ao mesmo tempo concreta e simbólica, daquele território pelos 'verdadeiros habitantes' da cidade do Rio. De volta à transcrição da reportagem, somos apresentados pelas imagens aos protagonistas da corrida pelo Complexo do Alemão: há políticos, soldados do exército e do Bope, moradores de outros bairros além, é claro, de repórteres e do parceiro do RJ.

*[Thiago Ventura, quase caminhando por entre os outros competidores que o ultrapassam, nos informa]*

"São mais de mil corredores tentando conseguir o prêmio de seis mil reais. Mas eu já tô vendo aqui tanta gente que se preparou tanto, que se eu conseguir chegar em último, pra mim tá ótimo. Fui!"

*[Ao som de uma trilha sonora animada, vemos algumas imagens de quem são os mais bem preparados: por entre os corredores, há um batalhão do exército que segue cantando. Há um corte para os soldados do Bope, que também cantam ao correr. Thiago Ventura, volta a narrar sua condição]*

"Eu tô quase morrendo e o Bope ainda tá cantando".

*[Continuamos vendo os soldados do Bope, o sobe som não deixa claro as palavras da música]:*

"Eu vou; pode me esperar..."

*[Thiago Ventura retorna, no momento em que atinge o ponto mais famoso da cobertura televisiva da pacificação: o alto do morro por onde os traficantes fugiam e eram executados, ao vivo, no final de 2010]:*

"Eu moro aqui há quase trinta anos. Nunca tive coragem de vir aqui nesse lugar que tá acontecendo essa corrida hoje. Era muito perigoso".

*[Vemos agora as imagens de muitas pessoas correndo pela estrada de chão. A voz em off de Thiago prossegue]:*

"Muito bandido... Mesmo essa região tendo 60 anos, pouquíssimos de nós, moradores, tínhamos coragem de passar aqui porque a situação era dramática. Aqui é o início da estrada de terra..."

*[A edição corta para a imagem de arquivo em que os 'traficantes' aparecem em fuga. Alguns são alvejados, outros estão claramente feridos. Todos fogem. A voz em off continua]:*

"...que os bandidos usaram como rota de fuga para chegar no Complexo do Alemão. Centenas e centenas deles usaram esse caminho".

*[A imagem volta a enquadrar Thiago correndo, entre ofegante e emocionado]:*

"Eu confesso para vocês... que muito maior do que qualquer sentimento que eu tenha de fazer essa corrida... o que domina é a sensação de realização... porque viver...durante tanto tempo aqui... passar por um momento como esse... é muito mais do que emocionante... é inexplicável... ver toda essa população aqui dentro do Complexo... da minha área... sem medo no rosto... é emoção demais... emoção demais". (RJTV, 16/05/2011)

Descontando-se a emoção sincera e justificável de Thiago, bem como a ironia reveladora implícita na cena em que a grandeza e a força dos policiais do Bope é comparada, de modo bem-humorado, à 'fraqueza' autoproclamada do morador, percebe-se na reportagem, nas falas do parceiro e na forma como o mesmo interpreta o acontecimento a partir de seu '*olhar autorizado*' um acatamento literal às propostas simbólicas da emissora. A passagem memorável da corrida pelo mesmo lugar em que

os traficantes fugiram, por exemplo, repetia rigorosamente as mesmas imagens da peça publicitária, veiculada dias antes, conclamando a população para o evento.

Tal atuação como 'protagonista' - tão distinta dos modos como os moradores da Mangueira foram representados em 'sua' pacificação - mostra de que forma os modos de 'convite' para participação 'ativa' no processo de (re)urbanização em curso vão variar de acordo com os perfis dos personagens. Vale lembrar que o quadro *Parceiros do RJ*<sup>8</sup> é uma resposta da Rede Globo ao advento da possibilidade de 'vozes da comunidade' produzirem conteúdos (também) informativos, como o episódio da ocupação do Complexo do Alemão, em que Rene Silva, de 18 anos, passou a transmitir imagens da ocupação, via internet, de sua casa dentro da comunidade.

Se pudermos entender a comunicação como um complexo processo de produção de efeitos de sentido entre falantes, constantemente em interação (por sua vez, sempre conflituosa), será possível considerarmos que os interlocutores participam, em co-autoria, de um embate - ainda assim desigual e impregnado de dominações, recusas e convencimentos. A esse respeito, Bakhtin já defendia que o caráter dialógico da linguagem indicava, entre outros aspectos, a capacidade de 'antecipação' de todo falante - seja na elaboração do enunciando, como na forma de sua enunciação. Em suas palavras,

O enunciado daquele a quem respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta etc.) já está presente (...). Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Há algo deste jogo complexo tanto nos direcionamentos de trajetos propostos pela cobertura jornalística, como nas respostas 'dialógicas' dos moradores em jogos discursivos de aceitação, acatamento e recusa, que, também, não mascaram as tentativas destes fazerem valer suas possibilidades de subjetivação.

Em outras palavras, sendo o discurso e o espaço lugares de interação e de criação em processo constante, cabe-nos perguntar, a título de uma conclusão provisória, que efeitos de vida estão sendo produzidos à reboque destes acontecimentos? De que forma os sujeitos estão se colocando, como sujeitos da

---

<sup>8</sup> Após uma seleção nas comunidades, amplamente divulgada no telejornal, a produção do RJTV contratou 16 jovens de 8 bairros e comunidades do Rio e de outros Municípios da região metropolitana para, em dupla, produzirem conteúdos a partir de um ponto de vista que seria o 'legítimo' da comunidade. Ver a este respeito a pesquisa da bolsista Pibic/CNPq, Geísi Sabadini, orientada por mim, que analisa o advento e os impactos das propostas implícitas no quadro *Parceiros do RJ*.



linguagem e do mundo, no momento mesmo de suas falas e práticas de espaço? Quais conseqüências, para o futuro destas pessoas e da cidade, estes deslocamentos podem nos trazer?

## 5. Considerações Finais

Vale, aqui, retomar o argumento lúcido de Baratta (1994) ao defender, como resposta ao problema contemporâneo da relação entre a criminalidade e o medo, o gesto dos cidadãos deixarem de ser 'espectadores' (no duplo sentido que o são nos dias atuais: da mídia e da política) para se tornarem 'atores'. No caso das pacificações do Rio de Janeiro, vimos uma dupla ameaça que se oferece aos moradores travestida em boas notícias.

De um lado, há o apelo discursivo da manutenção desses sujeitos no status de 'espectadores passivos' dos momentos históricos de sua salvação, cujos protagonistas são os policiais, o Estado e a imprensa; e de outro, há a imposição do desempenho de 'atuações' que reproduzam a expectativa moral (e disciplinada) de acordo com as imposições dos projetos de urbanização e de transformações dos espaços da cidade.

Se pensarmos, como Massey (2008), a questão do espaço como um produto humano, em constante construção, resultado de uma série de interações simbólicas, concretas, políticas e culturais, veremos de que modo as práticas de espaço se tornam, portanto, uma esfera de possibilidade de existência da multiplicidade e do devir. Sobretudo na medida em que

pensar no espacial de um modo específico é perturbar a maneira em que certas questões políticas são formuladas, pode contribuir para argumentações políticas já em curso e - mais profundamente - pode ser um elemento essencial na estrutura imaginativa que permite, em primeiro lugar, uma abertura para a genuína esfera do político (Massey, 2008, p. 30)

Talvez essa estratégia seja um antídoto ao momento perigoso que vivemos, tão mais ameaçador quanto maiores as tentativas de produção de um consenso interpretativo que enxergue apenas boas (e pacificadas) notícias. E pensar de modo criativo a questão do espaço é aceitar, de modo radical, a proposta de olhar metodológico de Orlandi:

fazer virem à tona esses processos silenciados, observando-se as falas desorganizadas como capazes de manifestar os traços desse movimento contido. Onde a cidade demanda sentido e onde os sujeitos da cidade - cidadãos - não estão sempre já significados mas eles também reclamam sentidos, novos sentidos, sentidos outros. (Orlandi, 2004, p.70)



Na medida em que a proposta de (re)urbanização do Rio de Janeiro, implícita nas pacificações, parece não inverter as direções dos processos históricos de expulsão e deslocamento dos mais pobres para as periferias (e a explosão da especulação imobiliária na cidade é a maior evidência da manutenção do *status quo*), voltar nossos olhos para o que está sendo 'posto abaixo' pelos 'choques de ordem' talvez seja, de fato, uma forma de colaborarmos para a construção de trajetórias e sentidos outros, que renunciem futuros ainda mais justos do que aquele que parece, cada vez mais, imposto como inevitável pela cobertura jornalística aqui analisada.

## 6. Referências Bibliográficas

- BARATTA, Alessandro. *Filósofo de uma Criminologia Crítica*, in RAMOS, Silvia (Org) *Mídia e Violência*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Uma ideologia perversa*, in Caderno Mais, Folha de São Paulo, São Paulo, 14 mar. 1999.
- COIMBRA, Cecília. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. Niterói: Intertexto, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KANT DE LIMA, Roberto. *A administração dos conflitos no Brasil: a lógica da punição*, in Velho, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MENDONÇA, Kleber. *A Punção Pela Audiência: um estudo sobre o Linha Direta*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Quartet, 2002.
- MICHAUD, Yves. *A Violência*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- MISSE, Michel. *Dizer a violência*. In Revista Katálysis, vol. 11, no. 2. Florianópolis, Julho/Dez. 2008.
- ORLANDI, Eni. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- SODRÉ, Muniz. *O Social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.